



Estrutura e Sujeito no Materialismo Histórico: Uma Leitura do Debate entre Louis Althusser e E.P. Thompson.

Julia Pantin da Silva*, Carlos Alberto Cordovano Vieira.

Resumo

Destaca-se os principais argumentos de Louis Althusser e E P Thompson, acerca da estrutura e sujeito enquanto princípios determinantes do materialismo histórico, isto é, procura-se identificar qual o motor da história. Assim, este debate, originado pela emergência do estruturalismo francês e motivado pelas críticas ao regime estalinista, perpassa desde questões sobre a natureza do conhecimento histórico até o estatuto de outros conceitos essenciais ao marxismo, como contradição, luta de classes e modo de produção.

Palavras-chave:

Materialismo histórico, Estruturalismo, Historiografia

Introdução

Segundo Perry Anderson (1984), a década de 1960, diante da emergência de novas experiências socialistas, como o maoísmo e a revolução cubana, além do surgimento em público de denúncias a crimes de Stalin forçam o marxismo a uma reformulação das teses antes consolidadas pela tradição marxista e pelo partido comunista. Nesse contexto, as novas teorizações devem responder a uma questão antagônica desde Marx: qual seria o motor da história? Para tanto, poder-se-ia separar dois polos de resposta: o primeiro ressalta a importância da contradição entre forças produtivas e relações de produção (estruturalistas), enquanto o segundo privilegia a luta de classes e o confronto subjetivo pelo processo histórico. Althusser e E.P. Thompson fornecem respostas distintas, que são investigadas nesta iniciação científica.

Resultados e Discussão

A leitura de Althusser clarifica as teses estruturalistas, que dissolvem o papel da subjetividade como motor da história em prol de uma cientificidade que procura as articulações e condicionantes de cada modo de produção. Parte-se da ideia de que *O Capital*, obra de maturidade de Marx teria inaugurado a um só tempo uma ciência da história, o materialismo histórico, e uma filosofia da história, o materialismo dialético. Este último forneceria o direcionamento para a interpretação dos fatos históricos, pela elaboração de novos conceitos, como forças produtivas, relações de produção, modo de produção. Estes conceitos estão articulados por uma dialética própria, já que parte-se de uma causalidade estrutural: as diferentes determinações e práticas sociais se fundem em um todo complexo, que deve ser apreendido em sua organização sistêmica, isto é, a partir do modo de produção em um momento específico. Mas, como o modo de produção é animado pelas contradições entre relações e forças de produção, Althusser conclui que, em última instância, é a esfera da produção- a economia- que determina o movimento histórico. Como consequência, os sujeitos têm participação reduzida no processo histórico, já que uma estrutura mais complexa de relações produtivas estabelece as suas possibilidades de modificação histórica.

É justamente esse o ponto de partida da crítica de E.P. Thompson: o materialismo deve levar em consideração a experiência e agência humanas. O processo histórico só pode ser reconstituído em relação de diálogo entre o ser social e a consciência social. Para isto, a pesquisa

historiográfica deve valer-se de conceitos menos rigorosos, isto é, categorias que sejam elásticas o suficiente para captar modificações na realidade histórica e nos valores subjacentes aos sujeitos, que continuamente perpetuam e modificam a histórica através das decisões que devem tomar diariamente. Os procedimentos de Althusser, muito focalizados em uma análise sincrônica da totalidade social a partir do econômico seriam então infundamentados e incapazes de captar os movimentos dinâmicos da história, justamente por deixar de lado as vontades humanas, sintetizadas na experiência, como uma consciência afetiva e moral. Assim, para Thompson, a luta de classe e as contradições são definidas como conflitos de interesses e valores. Além, o futuro do socialismo não está garantido pela simples evolução das forças produtivas: cabe à tradição marxista a escolha dos valores que conduzam a uma nova sociedade. Neste sentido, a crítica a Althusser é também uma cisão no movimento comunista no começo da década de 1960, determinando a crítica a Stalin, cujo sistema político teria expulsado da URSS a possibilidade de construção democrática dos valores morais.

Conclusões

Em um primeiro momento, buscando determinar as bases epistemológicas da historiografia, Althusser e E.P. Thompson estabelecem diferentes conceptualizações sobre o materialismo histórico. A partir disto, tendo determinado a natureza da contradição, propõem ideais distintos ao futuro do marxismo. Este realinhamento político está refletido na crítica de Thompson ao estalinismo e à teorização do estruturalismo francês – através da figura de Althusser-, o que originaria a tradição historiográfica inglesa, com a *New Left Review*, da qual são representantes Thompson e Perry Anderson.

Agradecimentos

Ao financiamento desta pesquisa pelo PIBIC/CNPQ. A meu orientador, pela indicação de debate tão fértil. Aos caros amigos que acompanharam com paciência o desenvolvimento destes diálogos tão árduos.

ALTHUSSER, L. A Favor de Marx. 2 ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1979
 ALTHUSSER, L. Ler o Capital. Coautoria de Jacques Ranciere, 1979-1980
 ANDERSON, A Crise da Crise da Crise do Marxismo, 1984
 THOMPSON, E.P. A Miseria da Teoria ou um planetário de erros: uma critica ao pensamento de Althusser, 1981.